

Resenha Crítica - Filme Como Nossos Pais

A artigo ocupa-se em analisar a obra cinematográfica *Como Nossos Pais*, um drama de 31 de Agosto de 2017 dirigido por Laís Bodanzky com roteiro de Laís Bodanzky, Luiz Bolognesi e elenco com Maria Ribeiro, Clarisse Abujamra, Paulo Vilhena, obra apresenta, crítica e discute o papel, desafios e conflitos da mulher em suas relações familiares, conjugais e profissionais na sociedade contemporânea. Uma curiosidade artística é que *Como Nossos Pais* também é o nome de uma canção de Elis Regina do álbum *Falso Brilhante* de 1976.

O recorte da trama conta uma determinada fase da vida de Rosa (Maria Ribeiro), de 38 anos, que é atravessada por desafios familiares, profissionais, matrimoniais e parentais, e que neste cenário divide seu tempo entre ser mãe, esposa, filha e profissional.

A trama começa mostrando as relações de Rosa com sua família geracional - conforme conceito da Psicologia Sócio-Histórica de Filogênese (Origem da Espécie) - onde redescobre por parte de sua mãe Clarice (Clarisse Abujamra) a sua verdadeira origem biológica, no segundo momento mostra os conflitos com seu marido Dado (Paulo Vilhena) dentro de sua própria família, além de desafios profissionais onde precisa reestruturar sua carreira profissional aliando-a com seus sonhos de ser roteirista de teatro. O enredo continua a se desenvolver onde há criação de novos vínculos em que Rosa se relaciona romanticamente com um segundo homem Pedro (Felipe Rocha), neste meio tempo ela conhece seu pai biológico Roberto Nathan (Herson Capri) - com o qual não mantém contato afetivo - e descobre que sua mãe possui pouco tempo de vida devido à problemas de saúde.

Outro conceito de família é definido pela Psicologia Sócio-Histórica como sendo um grupo social, o primeiro local de crescimento do indivíduo. É a partir deste recorte que a trama se desenvolve onde logo início Rosa questiona o lugar de pai do seu marido nas tarefas de cuidar da família e sua importância fundamental na formação e desenvolvimento do caráter da criança (Winnicott, 1979). Sobre a ruptura na história de vida de Rosa onde a sua mãe revela que ela é resultado de uma relação extra conjugal, a relação de pai e filha é ressignificada e o rumo da trama muda completamente, dada a importância desta relação parental conforme ressalta (SIRGADO, 2000, p. 72): "...a posição de pai é função do reconhecimento do pai por parte do filho e a de filho é função do reconhecimento do filho por parte do pai, pois ninguém é pai sem o reconhecimento do filho, nem filho sem o reconhecimento do pai" (SIRGADO, 2000, p. 72).

Sobre o conflito familiar de Rosa e suas filhas vale ressaltar o que aponta (CAMPOS, 2020) "Os pais devem, sim, amar e expressar esse amor em cuidados e proteção dos seus filhos. Porém, filhos que podem fazer o que querem, quando querem, como querem não são filhos amados, mas filhos abandonados. "Onde a nossa protagonista se impõe frente ao desejo da filha em ir à escola de bicicleta simplesmente por que "todos vão". Muitos momentos do filme conversam com conceitos sob a ótica da Psicologia Sócio-Histórica de relações construtivas com padrões de cuidado, acolhimento, união, apoio, escuta e companheirismo para com os filhos, há também aspectos destrutivos quando não há protagonismo do pai, dos filhos, nem espaço

criativo para resolução dos conflitos, ou seja, as relações no longa Como Nossos Pais são mescladas que trazem aspecto sócio-históricos construtivos e destrutivos.

Em uma determinada cena a irmã de Rose, a Caru (Antonia Baudouin) - que possui uma relação homoafetiva - a questiona sobre o modelo de família tradicional e suas mazelas, o que nos leva a pensar em novas constituições de família do futuro que já são presentes como defende (Campos, 2020, p. 61): “Considerações para um início e não uma conclusão “. Sendo este é um exercício de construção, aceitação e amparo às novas constituições de família incluindo relações LGBTQI+, família com animais, mães solo, maternidade após os 40 anos, mães solas entre outras configurações familiares. Chegamos ao final da enredo e Rosa rompe o caso extraconjugal ao mesmo tempo que perde sua mãe e volta a se reconciliar com seu esposo - que se mostra mais presente no lar e ativo na educação e cuidados das filhas - assim, nossa personagem central ressignifica sua relação com suas filhas Juliana (Annalara Prates) e Nara (Sophia Valverde).

Em linhas gerais, a trama aborda temas importantes para o entendimento de família tradicional e seus conflitos e nos leva a refletir sobre a forma como educamos os nossos filhos ao mesmo tempo em que lidamos com demandas contemporâneas como nossos sonhos, sexualidade, desejos e frustrações ao atravessarmos estes processos. Por último, na obra Como Nossos Pais contribui no sentido de trazer uma reflexão crítica sobre o papel da mulher na sociedade, sobre as configurações de famílias tradicionais e nova em meio aos desafios da contemporaneidade e o desfecho deste enredo nos remete a ideia de (CAMPOS,2020, p. 54) sobre ser mãe, pai e filho em que a paternidade é um exercício, em que pai, mãe e filho se descobrindo como tal no meio deste processo/exercício que muitas vezes é frustrante, limitante mas que constrói um reconhecimento de papel em que o pai se descobre como pai, a mãe se descobre como mãe e a criança se descobre como filho(a). No fim da trama a Rose continua no casamento, desenvolve uma relação mais próxima às filhas, nos levando a ideia de (Campos, 2020, p. 61) sobre família do futuro: O futuro sem família? Não existe, porque não existe família sem futuro, por isso sempre temos saudade de nossas famílias.

Referências

PRADO, Danda. História da família. In: O que é família? Editora Brasiliense, e-book, 2017.

Vídeo: BIRMAN, J. A evolução da família. Café Filosófico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74uaghhoxns>. Acesso em 04 abr. 2022.

“Família e intergeracionalidade” (p. 4-14), do livro Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção, 2a edição, 2020.

“Saudade da família no futuro ou o futuro sem família?” (p. 52–63), do Livro Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção, 2a edição, 2020. Biblioteca Virtual Cruzeiro do Sul.

Programa Diversidade. Novas formações familiares. Conselho Regional de psicologia de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yhjdk2RbGvs>. Acesso em 04 abr. 2022.

BERNARDI, Denise; MELLO, Renata; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Ambivalências frente ao projeto parental: vicissitudes da conjugalidade contemporânea. Isso. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, p. 9-23, jan. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 abr. 2022.

LIMA NETA, M. I. F.; KAHHALE, E. M. P. . Uma reflexão sobre relações familiares da Perspectiva da Psicologia Sócio-histórica. In: Gisele Toassa; Tatiana Machiavelli Carmo Souza; Divino de Jesus da Silva Rodrigues. (Org.).

Psicologia Sòcio-histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis. 1a. ed. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019, v. , p. 213-231. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/livros/psicologia-socio-historica.pdf>. Acesso em 04 abr. 2022.

COMO NOSSOS PAIS - Adoro Cinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-245910/>. Acesso em 04 abr. 2022.

Elis Regina - Como Nossos Pais. Ricardo Duarte - YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2ggN4cEpPCw&ab_channel=RicardoDuarte. Acesso em 04 abr. 2022.